

The Guardian, “As vacinas nos dão esperança, mas elas não vão terminar a batalha global contra a covid-19” - Resumo por André Biernath

The Guardian, “As vacinas nos dão esperança, mas elas não vão terminar a batalha global contra a covid-19”

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/feb/04/vaccines-covid-virus-mutate-years>

Esse artigo, escrito por Andrew Pollard, investigador-chefe dos estudos clínicos que avaliam a vacina desenvolvida por Universidade de Oxford e AstraZeneca, aponta que a habilidade de mutação do coronavírus sugere que nós conviveremos com ele pelos próximos anos e precisaremos de novas gerações de imunizantes para dar conta da crise sanitária futuramente.

Após meses muito difíceis, finalmente começamos a acompanhar a chegada das primeiras vacinas contra a covid-19, como aquelas desenvolvidas por Pfizer/BioNTech, Moderna, Sinovac/Instituto Butantan, AstraZeneca/Universidade de Oxford e Instituto Gamaleya de Pesquisa.

É natural, então, que as pessoas comecem a se perguntar: quando a vida voltará ao normal?

Segundo Pollard, o indicador mais importante para ficarmos de olho é a taxa de hospitalização e o grau de saturação dos sistemas de saúde. Quando a situação estiver mais “tranquila” nesses locais por um tempo prolongado, podemos ter mais segurança que a pandemia estará amainando aos poucos.

Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido: a vasta maioria das pessoas do mundo ainda não foi vacinada e nas últimas semanas surgiram barreiras que dificultam a distribuição dos

imunizantes mundo afora. Esse era o momento para essas barreiras diminuírem, não aumentarem...

O cenário se torna ainda mais preocupante com o aparecimento de novas variantes do coronavírus. Em suma, elas indicam uma alta taxa de infectados em diferentes lugares do planeta, o que exigiu adaptações no vírus para que ele continuasse circulando.

As mutações genéticas encontradas nas variantes do Brasil e da África do Sul, por exemplo, possuem características que poderiam “driblar” a ação das vacinas disponíveis no momento.

Mas Pollard mantém o otimismo ao destacar que ter covid-19 ou tomar a vacina poderia ao menos indicar que uma infecção pós-imunização ou uma reinfecção seriam mais brandas e exigiriam menos interações do que um primeiro episódio da doença.

O autor lembra que infecções por outros tipos coronavírus são extremamente comuns. Essa “família viral” possui muitos agentes que estão por trás dos resfriados simples e costumam “aparecer” quando a temperatura esfria no outono e no inverno.

É possível, portanto, que o futuro do Sars-CoV-2 (o coronavírus responsável pela pandemia atual), seja entrar para esse time de quadros mais leves e ele passe a ser mais um dos causadores do resfriado.

Para Pollard, o futuro com mais vacinas e gente protegida exigirá que adaptemos nossas vidas aos poucos, para aprender como conviver com o coronavírus sem expor demais nossa saúde.

Com um número menor de casos, é possível que os sistemas de saúde tenham capacidade de tratar os casos graves que surgirem com mais tranquilidade, sem a ameaça constante de colapso.

O cientista destaca que, se as vacinas continuarem a sustentar uma proteção contra casos graves e hospitalizações (a despeito do perigo das novas variantes), pode ser que o fim da pandemia esteja aparecendo no horizonte.

Mesmo assim, uma nova geração de imunizantes já está sendo desenvolvida por muitas farmacêuticas e centros de pesquisa. Essa nova leva poderá ser valiosíssima para controlar as novas variantes do coronavírus, caso isso se mostre necessário.